

O PEQUENO PRÍNCIPE E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A INFÂNCIA

Encantador para crianças e adultos, o filme *O Pequeno Príncipe*, baseado no livro de mesmo título lançado em 1943, trata em alguns momentos a respeito da “adultalização” do mundo e o quanto isso interfere na vida das crianças, bem como nas relações humanas. A cada vez mais nos deparamos com crianças com agendas lotadas, que vão à escola, fazem aulas de idiomas, esportes, aulas particulares, e ficam com pouco tempo para serem, de fato, crianças. Cada vez menos as crianças brincam livremente, estão sempre muito atarefadas, e em seu tempo livre optam por telefones, tablets, televisão, aparelhos que em geral excluem a interação com outras crianças, podendo ser “brincados” individualmente. Para Winnicott (1975) o brincar só é possível num espaço de transicionalidade, no qual a criança não pode mais contar com a constância materna, mas se vê diante da aposta na confiança de seu retorno. Através da conquista da transicionalidade, a criança direciona-se a um momento de criação. Cria, através do brincar, ferramentas e recursos para lidar com a sua realidade e com as ansiedades que fazem parte de seu mundo interno. A possibilidade de brincar e com isso dar sentido a suas angústias só se torna possível a partir de estímulos e investimentos que partem do objeto cuidador. Vê-se cada vez mais adultos preocupados com o futuro de seus filhos, com os adultos que serão, com as oportunidades que oferecem a seus filhos de se tornarem bem-sucedidos e, por vezes, esquecem o momento tão precioso que é a infância. A infância, por ser a base da constituição do sujeito, está diretamente ligada ao adulto que este poderá vir a ser. E contudo ainda negligencia-se este momento. É importante que a criança encontre – e que lhe seja primariamente ofertado – um espaço para que vivencie através do brincar suas angústias, para que gradualmente as elabore, para que se constitua, para que ria, chore, se divirta, sinta medos, sinta-se acolhida, por fim, para que seja ela mesma, tal qual o sente. De acordo com Celso Gutfreind em seu livro *a Infância através do espelho* (2014) a verdadeira saúde mental fundamenta-se na capacidade do sujeito de poder imaginar. Aquele que imagina, canaliza, elabora e dá vazão as suas angústias e, portanto, não as atua, não as descarrega. Ainda segundo Winnicott, que dedicou grande parte de sua obra ao estudo do brincar, “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (Winnicott, 1975, p.80) Cabe, portanto, a todos nós, pais, profissionais da saúde, escola, sociedade nos atentarmos a este momento tão importante, tão constitutivo que é a infância. No filme, vemos a importância do brincar, da criatividade e da imaginação na vida de uma menina que até então fora privada disso em detrimento as exigências da vida adulta

precoce. O filme é emocionante, faz revisitarmos a nossa infância e o caminho que percorremos até o adulto que somos hoje assim como nos convida a não esquecermos da criança que nos habita, ressaltando que o problema não é crescer, e sim esquecer: esquecer de quem fomos, de nossa história medos e nossos sonhos. E por fim convida a lembrarmos sempre de o que essencial é invisível aos olhos, e que algumas coisas - as mais importantes - enxergamos com o coração.

O brincar e a realidade. D.W. Winnicott, Imago, 1975.

A infância através do espelho: a criança no adulto, a literatura na psicanálise. C. Gutfreind, Artmed, 2014.